

Por uma nímia gentileza do Diretor desta Casa, cabe-me a subida honra de dirigir algumas palavras de boas-vindas aos alunos que, neste ano, ingressam em nossa Faculdade. Mais do que uma festa de conagração, esta solenidade singela tem a ambição de representar uma homenagem e um compromisso:

Homenagem aos Srs. Alunos pela excelência com que se houveram na árdua disputa pelas vagas que a Faculdade pôde oferecer. Homenagem aos Srs. Pais pela maestria com que se desempenharam neste longo, laborioso e difícil artesanato de modelar crianças em futuros médicos. Compromisso, pela necessidade de firmarmos, nesta ocasião, uma norma de conduta que permita conferir ao curso que iniciam um significado realmente universitário.

Uma das mais importantes consequências da última Grande Guerra foi a transferência do poder dos quartéis para as universidades. Ao longo destes últimos anos, as universidades têm provado, nos países que lideram nossa civilização, que não só representam a melhor arma para vencer a luta na guerra como também, e principalmente, o melhor instrumento para ganhar o progresso na paz. Se uma comunidade tem na universidade o seu grande repositório de esperanças para o fomento de suas virtudes e a redenção de seus males é compreensível que a pujança e eficiência da estrutura universitária seja motivo de preocupação e interesse para cada um de nós.

Há muitas coisas que fazem com que a Universidade seja o que dela se espera. Uma dessas coisas, e a que de momento nos ocupa, é o corpo discente que lhe cabe esculpir. Enfocando sob esse prisma a

universidade brasileira, à qual nossa Faculdade não faz exceção, encontramos sérios motivos de inquietação. Em flagrante contraste com as universidades européias e norte-americanas, a nossa universidade não possui ex-alunos. Esta pujante instituição, o ex-aluno, que constitui uma das mais senão a mais importante reserva material e humana das maiores universidades do mundo, não existe entre nós. Nunca a expressão ex-aluno pareceria tão vazia, tão pobre de significação como quando aplicada aos profissionais diplomados em nossas faculdades. Se os senhores encontrarem nesta Universidade, uma parede no prédio, um livro na biblioteca, um microscópio no laboratório, que constitua um presente de um ex-aluno os senhores estarão diante de uma raríssima exceção. Se os «ex-alunos» que a Universidade cria não existem, será que encarem como uma provocação à sua capacidade de superar obstáculos e como uma oportunidade de, ao saná-las, deixarem inscrito na esteira de sua passagem, a evidência de sua capacidade construtiva. Encareço-lhes a necessidade de se darem conta, dos inúmeros excelentes recursos que os homens que construíram e vem digirindo esta Casa conseguiram reunir em favor de um mais alto padrão de treinamento médico. Cruzem o saguão desta Faculdade com o espírito de um comandante que arregimenta suas forças para um grande combate e que sabe que a vitória só poderá surgir se souber aproveitar os pontos fortes das tropas que dirige. As deficiências, os pontos fracos só importam para que não se aposte demasiadamente neles e para que se os corrija no futuro, se houver possibilidade para tanto. Uma atenta observação dos mo-

* Saudação dirigida aos novos alunos, em nome do Corpo Docente da Faculdade de Medicina da UFRGS, por ocasião da Aula Inaugural dos Cursos de 1966.

** Professor Adjunto e Docente-Livre de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina da UFRGS. Membro da Comissão de Educação Médica da Associação Médica Brasileira e da Associação Médica do Rio Grande do Sul.

ços que povoam esta Casa me tem convencido do enorme desperdício que representam as horas dedicadas a lastimar deficiências e a lamentar limitações, enquanto um grande potencial de produção fica parado por falta de quem os acione existem «alunos»? A presença física dos mesmos é inegável. Sua presença afetiva, no entanto, é discutível. As manifestações de nossos universitários para com as escolas que os abrigam, têm sido, basicamente, manifestações de indiferença ou hostilidade. Esta insatisfação é facilmente reconhecível no tom acre de suas publicações, na aspereza de suas manifestações públicas e até mesmo na agressividade de suas festas. Tudo leva a crer que as Faculdades não fazem parte da constelação afetiva da maioria de seus alunos. Longe de mim a idéia de imputar aos moços a responsabilidade por esta situação. O que sòmente pretendo é pôr a descoberto um problema que sèriamente compromete os altos objetivos que a sociedade busca através da Universidade. Quaisquer que sejam suas raízes, precisamos superá-las.

Abrem-se aos senhores, de par em par, as portas desta Casa. Ao penetrarem na mesma, desejaria sugerir-lhes que a vissem não com os olhos de um crítico que perquire deficiências mas com os olhos de um artífice que busca inspiração e conselho. Não ignorem as deficiências de cada laboratório, de cada enfermaria. Peço-lhes, no entanto, que as construtivamente. Ao cruzarem a soleira desta Casa não vejam nas paredes que os cercam e no teto que os abriga o efeito deletério do tempo. Isto não importa. Vejam neste velho casarão o cenário onde o Rio Grande do Sul tem escrito as mais notáveis páginas de sua história médica e onde atuaram os mestres que deram ao nosso Estado o mais alto padrão de saúde que o Brasil conhece!

Senhores alunos de 1966! Façamos desta cerimônia, que tem na simplicidade o seu maior encanto, o ponto de partida de um ambicioso programa universitário que some aos méritos do passado os progressos que conquistaremos se tivermos como fiança de sucesso, uma estreita e progressiva conjugação de esforços de todos nós.